



O jornalismo de Adelmo Genro Filho e as novas tecnologias: revistando conceitos¹

Autora: Jacqueline da Silva Deolindo²

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Mestrado em Comunicação

Resumo: O presente artigo tem como objetivo reafirmar a pertinência e a atualidade dos pressupostos da obra “O segredo da pirâmide”, de Adelmo Genro Filho, diante da realidade em que está inserido o jornalismo. Trespasado de todos os lados pelas inúmeras possibilidades de aplicação das novas tecnologias, defendemos que o jornalismo ainda não perdeu sua “razão de ser” nem seu “horizonte histórico-social”, estando, na verdade, inserido em uma ocasião propícia de potencialização de suas capacidades socializantes e humanizadoras.

Palavras-chave: Novas tecnologias, conceitos de jornalismo, sistemas digitais, potencialidades

Introdução

“O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo” foi escrita por Adelmo Genro Filho, inicialmente, como dissertação de mestrado defendida junto à Universidade Federal de Santa Catarina. Sua pretensão era delimitar a verdadeira natureza do jornalismo, já que as teorias da notícia desenvolvidas até então, segundo o autor, não teriam tocado no cerne da questão, atendo-se ou numa perspectiva demasiado crítica, para citar um extremo, ou numa perspectiva pragmático-positivista, para citar outro. Sua tese foi publicada pela editora Tchê em 1987.

Para Genro Filho, o jornalismo é uma forma de conhecimento nascida no bojo do capitalismo industrial, mas detentora de potencialidades que ultrapassam suas

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo, do XXX Intercom. Santos, 2007.

² Aluna do mestrado em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vincula-se à linha de pesquisa “Representações Sociais”. Jornalista, especialista em Assessoria de Comunicação, professora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Pe. Humberto, em Itaperuna/RJ, e professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia de Campos, em Campos dos Goytacazes/RJ. E-mail: jacquelineolindo@hotmail.com.



condições de origem. Em “O segredo da pirâmide” o autor defende que o jornalismo, independente de seu suporte tecnológico (jornal, rádio ou TV), e a despeito das marcas burguesas que traz de berço, é dotado de amplas e profundas possibilidades revolucionárias e socializadoras. Essa vocação pode tornar-se efetiva, propõe, se os jornalistas entenderem o mundo e a dinâmica social, do qual os fatos são recortados e forjados como notícia, como lugar produção histórica em que se constroem e se revelam sujeito e objeto.

Neste artigo, não pretendemos discutir os pressupostos políticos sobre os quais Genro Filho desenvolveu sua teoria, nem nos atermos demoradamente nos fundamentos filosóficos emprestados por ele de Hegel e Lukás, mas tão somente refletir sobre a natureza do jornalismo informativo desvendada pelo autor, lançando nossos olhares para o campo de atuação aberto pelas novas tecnologias. Pretendemos, com este esforço, reafirmar o jornalismo informativo como uma forma de conhecimento que se encontram em um momento ímpar de sua história enquanto *práxis*..

O tema “Mercado e comunicação na sociedade digital”, proposto para o 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, é pertinente por sua iniciativa de congregar a Academia e diversos outros segmentos para refletirem juntos sobre as contribuições das novas tecnologias, que estão a determinar novos modos de comunicar. No entanto, acreditamos ser importante não apenas assinalar o novo, mas também redescobrir o constante nestes tempos de vanguarda. É aqui que se insere nossa intenção de retomar o pensamento de Genro Filho, um dos primeiros teóricos do jornalismo no Brasil a abordar a notícia de forma inovadora e autônoma. Tendo em vista que o próprio autor teve a preocupação de demarcar e reafirmar a natureza e o papel do jornalismo – coincidentemente sua reflexão acontece num contexto de mudanças profundas realizadas pela TV como meio de comunicação de massa nos anos 80 –, justificamos a retomada de sua obra pela pertinência de duas questões que se fazem presentes no ambiente dominado pela tecnologia digital: 1) se Genro Filho, em determinado momento de sua obra, citou a televisão como sendo um suporte de “ritmo marcadamente jornalístico” pela sua imediaticidade, rapidez, instaneidade e capacidade de apreensão do singular, podemos reconsiderar sua valoração tendo em vista a web, a fibra ótica, o hipertexto, o celular, a fotografia digital e tantos outros recursos dos quais hoje lançamos mão para fazer jornalismo? 2) isto posto, reafirmamos a essência e a razão de ser do jornalismo como sendo as mesmas de outros tempos ou é chegada a hora



de rever o conceito³? e 3) com as novas tecnologias, poderíamos vislumbrar a entrada do jornalismo em uma quarta fase⁴?

O jornalismo de Adelmo Genro Filho

Encontramos variadas teorias que procuram explicar o jornalismo⁵, mas não encontramos com facilidade um consenso sobre o que sejam o jornalismo e a notícia, passo importante para clarificar a visão que se tem destes fenômenos e, dessa forma, evoluir para uma teoria propriamente dita, de aplicações universais, como é o critério científico. E na busca por esses conceitos entre os poucos teóricos que se dedicaram a essa preocupação pontual, há que se ter conhecimento dos fundamentos (ou pontos de vista) a partir dos quais sua teoria foi construída, porque o que, a princípio, pode parecer apenas uma leve variação de nuances conceituais, encerra, na verdade, uma linha muito fina entre fundamentos teóricos absolutamente distintos.

Apenas para efeitos de demonstração, citaremos aqui alguns dos autores que mais recentemente são evocados pelos estudiosos do campo, e os conceitos que propõem para o jornalismo, o fato, a notícia e papel da prática jornalística na sociedade. O professor português Jorge Pedro Sousa, por exemplo, ao defender uma teoria unificada do jornalismo, define a notícia como “um artefato lingüístico” veiculado por meios jornalísticos. A notícia, segundo Sousa, procura representar parcelas dos fenômenos da realidade. Por ser um artefato, essa representação acontece através da mediação de “fatores de natureza social, ideológica, pessoal, histórica e do meio físico e tecnológico”, ou seja, é um produto que não necessariamente espelha a realidade, antes a “indicia”.

Conterrâneo de Sousa, Adriano Duarte Rodrigues define a matéria-prima da notícia, ou seja, o fato ou acontecimento, como “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. O fato

³ Toda teoria, quando não dá mais conta de seu objeto, é passível de revisão. No caso do jornalismo, diversos autores chamam a atenção para a natureza “não definitiva dos conceitos, categorias e esquemas empregados” em seu estudo científico (MELO, 2002, p. 13).

⁴ Genro Filho cita a divisão da história do jornalismo feita por Habermas, que delimitou três fases: a noticiosa comercial, a opinativo-panfletária ou literária e a atual, marcada pelo jornalismo diário desenvolvidos com base no capital e na tecnologia. Desenvolveremos a crítica a esse modelo nas partes subseqüentes deste artigo.

⁵ Nelson Traquina (1999), Felipe Pena (2005) e Jorge Pedro Sousa (ver bibliografia) são alguns dos autores que se dedicaram a elencar em suas obras as principais teorias explicativas do fenômeno jornalístico, tais como a teoria do espelho, a teoria do gatekeeper, a teoria organizacional, a teoria do newsmaking e a teoria da ação política, entre outras que constituem as suas próprias.



jornalístico é aquele “especial”, dotado de valores que o tornam aspecto da “anti-história, o relato das marcas de dissolução da identidade das coisas, dos corpos, do devir”, e o discurso jornalístico seria, nesse caso, um “processo de enquadramento e de regulação, uma prevenção racionalizante perante o que de irracional e inexplicável pudesse ocorrer”. Tal entendimento também é partilhado por Stuart Hall et. al. quando afirmam o jornalismo como um dos processos sociais levados a efeito a fim “de tornar um acontecimento inteligível”, traduzindo-o ao “horizonte do significado”. Para isto, afirmam, lançam-se mãos de práticas específicas, “que compreendem [...] suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona”. Para esses autores, as notícias, de um modo geral, correspondem aos aspectos morais e normativos de uma sociedade conservadora. É o que Soloski diz, de forma mais contundente, quando trata do jornalismo como manipulação.

A noticiabilidade de um acontecimento está relacionada com o desvio em relação àquilo que é considerado normal... Ao concentrar-se no desvio, no estranho, no insólito, os jornalistas defendem implicitamente as novas e os valores da sociedade. Como as fábulas, as histórias noticiosas contêm uma moral oculta.

Tuchmann⁶, por sua vez, com suas considerações sobre “o ritual estratégico” de construção da notícia, inaugurou uma abordagem que fez escola entre diversos estudiosos da área. Quando analisa a notícia e os critérios que os jornalistas estabelecem para sua valoração, a socióloga considera os diversos constrangimentos das rotinas jornalísticas e a visão que o profissional tem de si e do seu papel social.

Traquina (op. cit) lembra que os estudos de jornalismo tendem para o emprego de metodologias e questões inovadoras, que resultam em abordagens inéditas como a da etnometodologia, da lingüística e dos estudos sobre ideologia, com influência de autores marxistas (p. 14).

Embora esta seja uma amostragem limitada, os conceitos elencados não diferem substancialmente dos suprimidos. No Brasil, “Teoria do jornalismo”, do professor Felipe Pena (2002) tem o mérito de ser a primeira a reunir as principais teorias do jornalismo, antes trabalhadas de forma estanque, e discutir sobre cada uma delas, mostrando seus diversos lados, intersecções e pontos de fuga – embora o próprio Pena, declaradamente, o faça sob um viés marxista, sua referência de formação intelectual e

⁶ TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico. In: Traquina, op. cit.

profissional, e sob as suas convicções particularistas do que seja um “bom jornalismo”. Para o professor da Universidade Federal Fluminense, “o trabalho jornalístico é a construção social da realidade” (p. 71). Segundo Pena, “o jornalismo é um serviço público” (p. 107) que se desenvolve constrangido pelos detentores do capital, que visam o lucro e não a democratização da informação para um maior e melhor esclarecimento da sociedade. Em diversas partes do livro o autor reforça o jornalismo tem “uma função social” (p. 168), que é “atender as demandas da cidadania” (p. 185), promover a “mobilização social” (p. 185), “melhorar o debate público” (p. 171), “rever a agenda pública”, fazer com que o cidadão tenha clara “compreensão do contexto dos acontecimentos” (p. 160), para a “construção do bem comum” (p. 167). O pensamento de Felipe Pena é que “jornalismo e ativismo caminham juntos” no sentido de “recuperar a pólis no interior da agora contemporânea”, o que seria uma “missão” para “alguns aedos do novo espaço público” (p. 174).

“Teoria do jornalismo”, desde seu lançamento, já consta como leitura obrigatória em diversos cursos de jornalismo em todo o Brasil, e por Pena declarar seus pressupostos teóricos como de origem marxista, poderíamos até pensar que de alguma forma sua obra se aproxima da de Adelmo Genro Filho, mas, na verdade, consideramos que não é pequena a lacuna entre ambas. Sem entrarmos no mérito da pertinência ou da validade das diversas formas de explicar o jornalismo, a notícia e seu papel, tendo em vista que todas constituem uma grande contribuição, se complementam e constituem incontestavelmente um rico patrimônio para os estudos de jornalismo, elegemos “O segredo da pirâmide” como uma obra de cunho filosófico que fornece conceituações nucleares para a prática jornalística, o que é, a nosso ver, essencial para localizarmos os elementos constantes desse fenômeno e, assim, podermos falar de uma ciência.

Para Genro Filho, o jornalismo é “entendido como forma social de conhecimento, historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotada de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção”. Esta forma de conhecimento se desenvolve sobre técnicas e linguagens específicas para “apanhar a realidade pelo movimento”, “reproduzir a imediatividade do mundo”, mediar a relação entre o indivíduo e a sociedade e fornecer aos cidadãos a possibilidade de integrar-se a um mundo cada vez mais dinâmico, elevando a práxis “como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade”, como momento privilegiado da construção desta mesma realidade e de si próprios.

A princípio, a diferença de abordagem entre as diferentes teorias do jornalismo citadas pode parecer uma linha muito fina, mas, se nos atentarmos para os referenciais sobre os quais Genro Filho constrói suas reflexões sobre o jornalismo veremos que a diferença é substancial. A História, para o autor, é construída a partir da luta de classes, como querem os fundamentos marxistas, e o jornalismo é um fenômeno datado que surge para satisfazer “reais necessidades de informação supridas pela imprensa diária”, necessidades estas demandadas da nova sociedade que surge como capitalismo.

Em “O segredo da pirâmide”, a notícia, “unidade básica de informação para o jornalismo”, é onde o singular se encontra cristalizado e partir do que tudo toma sentido.

O singular, o particular, o universal e as novas tecnologias

A teoria do jornalismo proposta por Adelmo Genro Filho é fundamentada nas categorias filosóficas do singular, do particular e do universal, presentes principalmente na filosofia clássica alemã. O autor explica que “o conteúdo dinâmico implícito na idéia de singularidade confere uma característica evanescente à notícia”. Dessa forma, o singular é, como o próprio nome diz, um “fenômeno único e irrepetível” que o jornalismo apreende no sentido de reconstituir a imediaticidade da realidade objetiva. O particular seria, nesse caso, o contexto do qual o singular emerge, e o universal, o horizonte mais amplo do conteúdo, a totalidade que engloba todas as demais categorias. A linguagem jornalística, portanto, segundo propõe Genro Filho, deve apreender a singularidade no contexto de uma particularidade determinada, num processo em que a universalidade esteja apenas pressentida, sugerida, a fim de que a notícia tenha sentido e sua singularidade não seja dissolvida no particular e no universal, mas, pelo contrário, que estabeleça entre essas categorias uma relação de convergência. Isto implica dizer que “o fato jornalístico não é uma objetividade tomada isoladamente, fora de suas relações históricas e sociais, mas, ao contrário, é a interiorização dessas relações na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito”.

Imaginemos a pertinência e atualidade de tais considerações diante de um site da web, em que um fato jornalístico é destacado na página principal e os hiperlinks oferecerem a possibilidade de contextualização, ou seja, representam a particularidade de onde o fenômeno foi extraído. A proposta feita por Adelmo Genro Filho para um jornalismo revolucionário, humanizador e político, no sentido mais amplo do termo, parece potencializada sob essa perspectiva, porque coloca ao alcance do sujeito toda a



tecitura da História, ou seja, democratiza informações de diversas naturezas, que podem servir de subsídios para que esse mesmo sujeito estabeleça significados norteadores de sua ação no mundo.

Embora tenha escrito em uma época em que as novas tecnologias ainda eram traduzidas apenas pela palavra “televisão”, a atualidade da obra de Genro Filho sobre os suportes tecnológicos mantém sua atualidade porque consideram como elementar a dinâmica da História para a evolução dos meios que atenderão às necessidades sociais de comunicação, diferentes e específicas em cada época. Como o próprio autor diz, citando Adorno: “Não é possível prever o que virá a ser a televisão; aquilo que ela é hoje não depende do invento, nem mesmo das formas particulares da sua utilização comercial, mas sim do todo no qual está inserida”.

Em se tratando de século XXI, quando as novas tecnologias da comunicação convergem para a segmentação, a democratização da informação e a imediaticidade (não apenas no que se refere à web, mas também às implicações das novas tecnologias nos meios de comunicação ditos tradicionais, como o rádio, a televisão e os impressos), ampliando, inclusive, o campo de atuação do jornalista (“o jornalismo está apenas insinuando suas imensas possibilidades e potencialidades histórico-sociais”), esse todo parece confluir para possibilidades reais de “autoconstrução humana”, para usar um termo do próprio Genro Filho. Já em 1987, o autor percebia em que direção ia o desenvolver dessa forma de conhecimento que encontrava, desde então, suportes físicos que privilegiavam de forma inédita a “funcionalidade da linguagem jornalística” e otimizavam a apreensão do singular-significante.

os meios de comunicação de massa podem produzir, termos quantitativos e qualitativos, um universo cultural e informativo superior àquele elaborado de modo natural, espontâneo e artesanal. (...) Através dos modernos meios de comunicação radicaliza-se a possibilidade das transformações na consciência e na cultura. Portanto, aumenta a possibilidade do sujeito coletivo agir diretamente sobre si mesmo, a partir de suas diferenças internas, contradições e possibilidades daí decorrentes.

Quando pensamos nas novas tecnologias aplicadas ao jornalismo, a associação ao jornalismo *online* é imediata. J. B. Pinho (2003) destaca que os principais aspectos que diferenciam a internet das mídias tradicionais – “não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação,



interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo” (p. 49) – são como aliados para um jornalismo inovador, como um dia o foram o telégrafo, o telefone e fax. Mas em sua obra o autor também lista e explica detalhadamente como o uso do correio eletrônico, das listas de discussão, os chats e o File Transfer Protocol (sigla FTP, assemelha-se a uma pasta virtual compartilhada, para envio e *download* de arquivos, como as páginas diagramadas de um jornal ou fotos de altíssima resolução), apenas para citar alguns suportes, podem colaborar com a prática jornalística, que tem na web hoje uma de suas principais fontes e referências.

A pesquisa jornalística na rede mundial é feita com quatro propósitos gerais. O primeiro é a busca de informação, que pode incluir documentos, dados, fotografias, áudio e vídeo. O segundo objetivo consiste em procurar e localizar pessoas especializadas em termos ou em assuntos que estejam sendo cobertos pelo repórter. O terceiro é o de checar determinadas informações usando recursos de referência *online*. O quarto objetivo estabelecido é o de analisar determinada informação, em especial dados. (p. 98)

O autor, no entanto, alerta que

A Web não deve servir sempre como um substituto para documentos, contatos telefônicos e entrevistas pessoais, já que seus principais propósitos são ajudar o jornalista a obter os documentos, encontrar as fontes autorizadas e a levantar o contexto dos fatos e acontecimentos a serem cobertos. Informação em quantidade não significa necessariamente informação de qualidade (*idem*).

Pollyana Ferrari (2004), por sua vez, fala até mesmo em um “indivíduo digital”, o da atual geração, que cresceu interagindo com o mundo eletrônico (p. 53). É para esse público que a mídia digital estaria voltada, segundo a autora, o que garante a marca da pessoalidade.

A produção de conteúdo jornalístico para a Internet consegue agrupar assuntos díspares, que vão desde bate-papos com cantores de música pop, passam por discussão sobre a nova coleção de roupas para a boneca Barbie ou o processo de clonagem humana, e chegam a estudiosos de Shakespeare; tudo editado por repórteres ou editores de “news” – que acabam, sem saber, mudando e influenciando hábitos de leitura, alterando o código visual, a língua corrente naquele país, o modo de fazer compras, de portar-se diante da vida e, principalmente, alterando a cobertura da mídia atual. (p. 54)



Afora as indiscutíveis adequações da internet para o jornalismo, é importante observar que web é apenas uma das inúmeras possibilidades de apropriação das novas tecnologias pela área. O sistema digital trouxe mudanças profundas para a fotografia e a telefonia, por exemplo, que, aliados, podem garantir o registro do fato e sua imediata transmissão para as redações de todo o mundo, mesmo nas condições mais desfavoráveis. Isto significa uma significativa diminuição dos riscos de o olhar do repórter sobre um fato singular e significativo ser desperdiçado por falta de recursos técnicos. A tecnologia digital também permite a associação de diversas mídias (como texto, áudio, vídeo, animação, gráficos e outros recursos visuais e lingüísticos) que antes constituíam gêneros ou mesmo veículos particulares, para ampliar o potencial comunicativo de uma dada informação, e, mais, para garantir a efetiva apreensão do significado do fenômeno, de forma que ele não se “esvazie” e que nada dele se perca no processo de construção da notícia. Eis o significado da palavra multimídia e a sua função.

Conceitos de jornalismo: a hora da revisão?

Diante das novas tecnologias digitais, Ferrari (op. cit) afirma que “o fazer jornalístico está mudando” (p. 54). Sem dúvida. No entanto, o jornalismo em si mesmo também está em vias de mudança? Ou está a descobrir e a desdobrar-se sobre novas formas que o reafirmam enquanto forma de conhecimento?

Adelmo Genro Filho questiona a posição de determinados teóricos com relação à natureza do jornalismo em cada uma das três fases delimitadas por Habermas, a saber a noticiosa comercial (entre os XVI e XVII), a opinativo-panfletária ou literária (até o início do século XIX) e a atual, marcada pelo jornalismo diário desenvolvidos com base no capital e na tecnologia a partir dos anos 1830 aproximadamente. Enquanto Habermas critica o caminho tomado pelo jornalismo em sua última fase, o da manipulação da opinião pública pelo capital, sugerindo que os tempos áureos do jornalismo estariam centrados na segunda fase, Genro Filho vê na configuração contemporânea da atividade sua sublimação e amadurecimento, uma vez que incorpora os outros dois modelos e reconhece sua vocação para o atendimento de uma necessidade gerada pelo novo momento histórico universal e pela totalidade da sociedade (não só os mercados, em certo momento, e não só a burguesia, em outro momento): a necessidade de informações de natureza jornalística. “O capitalismo lançava as bases materiais e sociais



para um novo tipo de jornalismo”, mas este, ao longo de sua história, descolou-se das suas condições de origem e tornou-se uma ferramenta autônoma constituinte da práxis.

Sob essa perspectiva, e retomando o pensamento de Genro Filho de que “o jornalismo está apenas insinuando suas imensas possibilidades e potencialidades histórico-sociais”, acreditamos que a teoria do jornalismo deve contemplar a natureza ainda constante deste fenômeno, que procura reproduzir um dado objetivo da realidade sem desvinculá-lo de seus contextos particulares e universais. Defendemos que esta ainda é a razão de ser do jornalismo e o fundamento sobre os quais poderiam estar fundadas todas as demais explicações para a prática jornalística e a prática jornalística em si, independente de seus pressupostos políticos e pragmáticos e independente do veículo em questão, porque as contradições e os antagonismos próprios de qualquer sistema, ao contrário do que primeiramente possa parecer, colabora com sua construção.

A comunicação social só pode ser abordada como um dos aspectos da dimensão ontológica do homem, não como um atributo ou uma qualidade adquirida. A comunicação, sob o ponto de vista analítico, é um aspecto do trabalho e, mais particularmente, expressa a forma social de produção do conhecimento... Numa palavra, a comunicação é um momento da práxis. O homem é um ser que domina e compreende o mundo simultaneamente e, nessa medida, transforma a si mesmo e amplia o seu universo. A comunicação está no âmago da atividade prática coletiva, da produção social do conhecimento que emana dessa atividade e, ao mesmo tempo, a pressupõe. Portanto, está no âmago da produção histórica da sociedade e da autoprodução humana.

Por mais que as formas de fazer jornalismo estejam mudando, como assinala Ferrari, o jornalismo ainda busca a representação dos fatos, e para ser jornalismo não pode perder isto de vista. Não se trata de uma mera revisão da linguagem mais adequada aos sistemas multimídias e digitais, de abolir ou criar novas formas de narrar – não entraremos aqui na questão do lead, embora Genro Filho reconheça sua estrutura como eficiente enquanto epicentro do singular –, mas de saber apropriar-se dos recursos tecnológicos hoje disponíveis para persistir na busca do singular em cada fato objetivo e agregar a esse singular-significante todo um leque de informações que possam ser associadas e relacionadas pelo sujeito, detentor e construtor do conhecimento. Para isto, como alerta Genro Filho, a constituição da sociedade tal como a conhecemos não deve ser vista como natural ou modelo único, ou seja, a realidade objetiva não deve ser para nós um fato acabado, porque é na dinâmica e na dialética que ela é edificada.



Isto posto, falar em uma quarta fase do jornalismo implicaria questionar a validade dos seus pressupostos atuais, quando, na verdade, o advento da tecnologia digital vem conferir maturidade à vocação que o jornalismo assumiu a partir do século XIX com o desenvolvimento do capitalismo, a segunda revolução industrial e a formação de uma sociedade de massa: tornar “a sociedade cada vez mais social”, dar condições para a “transformação da individualidade em ‘pessoa’ e do gênero em ‘humanidade’”.

Referências bibliográficas

FERRARI, Pollyana. Jornalismo digital. São Paulo. Editora Contexto: 2004

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre. Editora Tchê: 1987. Disponível sem paginação no site www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm, acesso em 14 de junho de 2007

HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org). Teorias do Jornalismo: questões, conceitos e “estórias”. 2ª ed. Lisboa. Editora Vega, 1999

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo. Editora Contexto: 2005

PINHO, J. B. Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação on-line. São Paulo. Summus Editorial, 2003

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: In: TRAQUINA, Nelson (org). Teorias do Jornalismo: questões, conceitos e “estórias”. 2ª ed. Lisboa. Editora Vega, 1999.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org). Teorias do Jornalismo: questões, conceitos e “estórias”. 2ª ed. Lisboa. Editora Vega, 1999

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. Disponível em www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf, acesso em 14 de junho de 2007

TRAQUINA, Nelson. In: TRAQUINA, Nelson (org). Teorias do Jornalismo: questões, conceitos e “estórias”. 2ª ed. Lisboa. Editora Vega, 1999.



TUCHMAN, Gay. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org). Teorias do Jornalismo: questões, conceitos e “estórias”. 2ª ed. Lisboa. Editora Vega, 1999